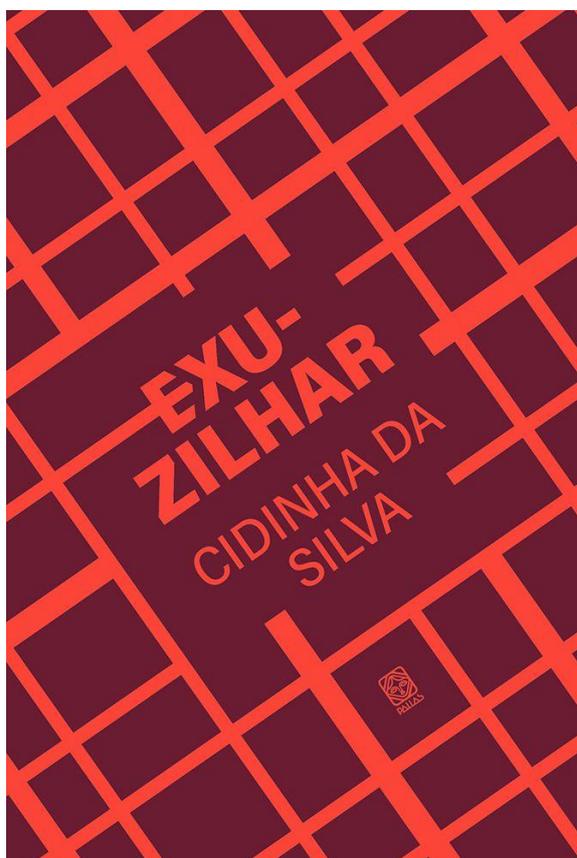


## A tradição e o rastro em *Exuzilhar*, de Cidinha da Silva

Cristiane Côrtes\*



*Exuzilhar* é a mais recente coletânea de crônicas publicada por Cidinha da Silva. São 39 crônicas curtas, mas de uma intensidade rara. Aliás, a capacidade de síntese e profundidade não é novidade nos textos da autora mineira. A escrita potente e densa acompanha Cidinha desde as primeiras publicações, não foi à toa que *Um Exu em Nova York* (2018) foi coroado pela Biblioteca Nacional.

A cronista e a historiadora se fundem entre os curtos textos que dialogam com a religiosidade africana, como um rizoma que se entrelaça a outros temas: racismo, desigualdade social ou exploração do trabalhador. As crônicas, ora ácidas, ora líricas, conquistam o leitor, na medida em que se percebe a profundidade com que a ex-presidenta do Instituto Geledés (Instituto da Mulher Negra)

tece uma crítica aguda às tramas sociais que subjugam as minorias ou praticam a intolerância religiosa sob a égide da proteção aos animais, por exemplo, como mostra, de forma ainda bem humorada, o texto “Sou vegetariana! Meu orixá, não!” (pp. 41-42). A crônica evidencia a superficialidade do discurso de um vereador baiano eleito “para defender os animais indefesos” que se posicionava contra o sacrifício de animais no candomblé. O questionamento “por que é o animal que ofertado nas cerimônias do candomblé que precisa ser protegido?” abre uma fenda no texto para uma denúncia muito mais profunda, apontada no parágrafo em que a autora dialoga diretamente com o vereador e sugere “caso o senhor esteja procurando tarefas grandes, vereador, confronte a indústria da carne” e mais adiante: “volte seu olhar diligente para os abatedouros, lá existem animais sofrendo”. A dimensão que as duas páginas da crônica alcança denota o cuidado na escolha do tema e da reflexão proposta que, refinados pela ironia, evidenciam o talento da escritora.

A temporalidade é outro tema caro aos cronistas: um gênero que tem como matéria prima o cotidiano, o que está acontecendo agora, e a cronista é desafiada a abordá-lo e, ao mesmo tempo, evitar que o texto fique datado, ou seja, que tenha um sentido restrito e dirigido traçado na obra com maestria. A aparente narrativa despreziosa surpreende o leitor por revelar uma crítica sagaz ou uma beleza lírica, o que torna a leitura fluida e interessante. Em “Oração da terça!”, esse lirismo surge no diálogo com um leitor de uma igreja

que promove toda terça-feira uma batalha espiritual contra o mal. O suposto leitor conhece os orixás, sabe que terça-feira é dia de Ogum e também de sua força como guerreiro. Nesta interlocução, o texto nos apresenta a força das divindades africanas e sua beleza em sintonia com o universo, pois “tudo varia na intenção de quem manipula a força”. O desfecho traz poeticamente uma resposta à intolerância religiosa ao constatar: “Oxalá é poesia. É amor. É lamparina acesa na noite dos tempos. É o zelo silencioso pela energia vital e pela harmonia da vida na terra”.

Cidinha da Silva construiu, ao longo de suas 20 obras publicadas, um projeto estético em que a africanidade e a orixalidade se configuram em um estilo conciso lírico. Em *Exuzilhar*, é possível notar uma maturidade da cronista na tranquilidade com que transita pela cosmologia africana sem cair na armadilha do didatismo sacral. Os temas circundam a orixalidade como ponto de partida, aguçam o leitor com uma terminologia própria do candomblé e abre um universo de possibilidades para o enfrentamento das tensões sobre desigualdade de raça e de gênero, por exemplo, tão presentes em nosso cotidiano. A crônica “Coisas que nem Deus duvida” nos coloca diante dessas situações em que o racismo surge como elemento capaz de desestruturar um indivíduo. A narrativa relata um sarau com a presença de autores e a leitura de suas obras, quando uma senhora se resvale da idade avançada para dizer que os termos politicamente corretos são um problema atual: “No meu tempo (como vocês podem ver, eu sou velha), gente chamava os pretos que a gente gostava de negão, quando era homem, neguinha, quando era mulher. Era carinhoso. Hoje, se a gente não for politicamente correto, pode até ser preso”. A narradora abre espaço para a fala racista, expõe uma ferida e a deixa sangrar, mostra-se perspicaz, a partir do momento em que traz para o corpo do seu texto o elemento que poderia desestabilizá-la, opta por desviar do confronto direto, invoca Exu e Iansã, fecha seu corpo, ergue seu tridente e afasta a quizila com a ajuda das divindades: “Nessa hora, seus olhinhos de Madame Mim encontraram os meus e, de pronto, tratei de exuzilhá-los, fechei meu corpo com a mão direita e, com a esquerda, levantei meu tridente” (p. 37). A comparação da senhora com a vilã decadente dos Studios Disney revela a ironia afiada da autora e nos remete ao fato de que, tal qual a personagem, o discurso proferido pela velha poetiza também o que está em desuso, haja vista as parcas palmas mencionadas pela narradora ao final da fala infeliz.

O neologismo que dá nome ao livro aparece como uma estratégia de neutralizar o discurso racista. O desfecho da crônica nos coloca diante da sábia decisão de afastar o mal com a força da ancestralidade, num movimento que evidencia a escrita afro-brasileira da autora, pois delinea uma voz que não ecoa solitária:

Guardei a distância respeitosa da natureza que não se afina com a casa dos mortos. Kaiogo veio sorridente, me abraçou generosa, só amor. Eu entreguei o era dela: “Toma, Senhora dos Raios, leva daqui essa carcaça, esse egum da mentalidade colonial e racista que inda sibila entre os vivos.” Kaiogo sorriu outra vez, cúmplice, e desapareceu soberana na noite sem lua. (p. 38)

A autora explica na orelha da obra que “‘Exuzilhar’ não é um conceito, é apenas um verboneologismo criado a partir de uma brincadeira com os nomes Exu e

encruzilhada”. O termo concentra a essência de Cidinha, uma vez que carrega a fluidez de Exu e a possibilidade de encontro da encruzilhada como estratégia de recuperação e valorização da memória do povo negro, cumprindo o que Édouard Glissant afirma ser a criação de algo imprevisível a partir dos poderes da memória” (2005, p. 20). Para o crítico, esse processo de construção da tradição se dá por meio de recuperação dos rastros/resíduos, preservados para manter viva uma memória que irá ressignificar uma cultura aparentemente perdida, pois, embora o apagamento cultural esteja presente pelo viés memorialístico e pela linguagem, as diversas manifestações dessa cultura resistem dia após dia.

Nesse sentido, a obra aqui resenhada se encontra em plena sintonia com essa recuperação dos rastros diaspóricos a que Glissant se refere, seja por um trabalho estético que recupera culturas africanas e afro-brasileiras, seja pela escrita comprometida com a experiência do corpo negro na sociedade contemporânea, pois retrata as tensões, tradições e memória dessas identidades. As crônicas de *Exuzilhar* ainda nos conectam com grandes nomes da nossa cultura, referências fundamentais, como Itamar Assunção, Mãe Stella de Oxóssi, Elza Soares, Ismael Ivo, Luiz Carlos da Vila e Marku Ribas, num gesto que ultrapassa a recuperação de rastros/resíduos, pois, como na encruzilhada, facilita o encontro daquilo que nos é caro, mas também nos inquieta, evidencia os percalços que a cultura afro-brasileira ainda enfrenta em seu cotidiano.

Vale a leitura!

## Referência

SILVA, Cidinha da. *Exuzilhar*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

GLISSANT, Edouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

---

\* Cristiane Côrtes é graduada em Letras, mestre em Teoria da Literatura e doutora em Literatura Comparada pela UFMG; pesquisadora dos grupos de estudo NEIA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade, na UFMG; Trabalho, Cultura e Materialismo e GELDIS, ambos no CEFET MG. É professora efetiva de Literatura e Redação do CEFET MG, campus IX. Coorganizadora dos volumes críticos: *Mulheres em letras: Diáspora, Memória e resistência*. 1. ed. Viçosa: Gráfica Universidade de Viçosa, 2019; *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 1a. ed. Belo Horizonte: Idea, 2016; *Literatura Afro-Brasileira - Abordagens na Sala de Aula*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. Atualmente, dedica-se à pesquisa sobre Literatura de autoria feminina, Literatura afro-brasileira e Teoria da Literatura aplicada à formação do professor de EM.